

HISTORIAS FASCINANTES



HONORÉ DE BALZAC

BALZAC, Honoré. Histórias famosas. São Paulo:

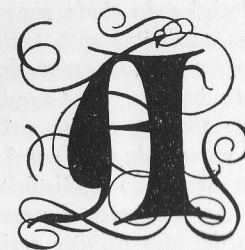
Editora Cúrtis, 1960.

[203-236]

A PAZ DO LAR

Dedicado à minha querida sobrinha

VALENTINE SURVILLE



A AVENTURA representada por esta Cena passou-se em fins do mês de novembro de 1809, momento em que o fugaz império de Napoleão atingiu o apogeu de seu esplendor. As fanfarras da vitória de Wagram ressoavam ainda no coração da monarquia austríaca. Assinava-se a paz entre a França e a Coalisão. Os reis e os príncipes vieram então, como astros, cumprir suas evoluções em tórno de Napoleão, que se deu ao prazer de atrelar a Europa ao seu carro de triunfo, magnífico esboço do poderio que êle desenvolveu mais tarde em Dresde.

Nunca, no dizer dos contemporâneos, Paris viu mais lindas festas que as que precederam e seguiram o casamento dêsse soberano com uma arquiduquesa da Austria. Nunca, nos maiores dias da antiga monarquia, tantas fronte coroadas se apresentaram nas margens do Sena, e nunca a aristocracia francesa foi tão rica nem tão brilhante, como nessa época. Os diamantes espalhados em profusão nos adornos, os recamos de ouro e prata dos uniformes, contrastavam tão bem com a indigência republicana, que nos parecia ver tôdas as riquezas do globo a rolar em nos salões de Paris.

*Nunca mais
foz tão rica*

Uma embriaguez geral tinha como que se apoderado daquele império de um dia. Todos os militares, sem mesmo excetuar o chefe, desfrutavam, como filhos da fortuna, tesouros conquistados por um milhão de homens com dragonas de lã, cujas exigências eram satisfeitas com alguns metros de fita vermelha. Nessa época, a maior parte das mulheres ostentava essa facilidade de costumes e esse relaxamento da moral que assinalaram o reinado de Luís XV. Seja para imitar o tom da monarquia desmoronada, seja que certos membros da família imperial tivessem dado exemplo, assim como pretendiam os frondeses do bairro Saint-Germain, o certo é que homens e mulheres, todos se precipitavam no prazer com uma intrepidez que pressagiava o fim do mundo. Mas existia então outra razão para essa licença.

A fascinação das mulheres pelos militares tornou-se como que um frenesi e estava muito de acôrdo com os pontos de vista do imperador, para que êle lhe pusesse um freio. As freqüentes tomadas de armas fizeram que todos os tratados concluídos entre a Europa e Napoleão se parecessem com armistícios, e expunham as paixões a desenlaces tão rápidos quanto as decisões do chefe supremo desses colbaques, desses dôlmãs e dessas agulhêtas que tanto entusiasmam o belo sexo. Os corações tornaram-se, pois, nômades como os regimentos. Do primeiro ao quinto boletim do Grande Exército, uma mulher podia ser sucessivamente amante, espôsa, mãe e viúva. Seria a perspectiva de uma próxima viuvez, de uma pensão do Estado, ou a esperança de usar um nome destinado à História, que tornavam os militares tão sedutores? As mulheres ficaram ligadas a êles pela certeza de que o segredo de suas paixões seria enterrado nos campos de batalha, ou se deve procurar a causa desse doce fanatismo na nobre atração que a coragem suscita nelas? Talvez essas razões, que o futuro historiador dos costumes imperiais se divertirá sem dúvida em pesar, entrassem tôdas, mais ou menos, na pronta facilidade de se entregar aos amôres. Seja o que for, confessemos aqui: os louros cobriram então muitos pecados, as mulheres procuraram com ardor os atrevidos aventureiros, que lhes pareciam verdadeiros mananciais de honra, de riqueza e de prazer, e, aos olhos das môças, uma dragona, êsse futuro hieróglifo, significou ventura e liberdade.

Um traço dessa época, única nos anais, e que a caracteriza, foi uma paixão desenfreada por tudo que brilhava. Jamais houve tantos fogos de artifício, jamais o diamante alcançou tão grande valor. Os homens tão ávidos quanto as mulheres desses seixos brancos, se enfeitavam com êles, tanto quanto êlas. Talvez a ne-

cessidade de pôr os despojos sob a forma mais fácil de transportar, tenha dado às jóias um lugar de honra no exército. Um homem não era tão ridículo, como seria hoje, quando o peito da camisa ou seus dedos ofereciam aos olhos grandes diamantes. Murat, homem todo oriental, deu exemplo de um luxo absurdo entre os militares modernos.

O conde de Gondreville, que se chamava antes o cidadão Malin, cujo raptu tornou-o célebre, e foi um dos Lúculos desse Senado Conservador, que não conservou nada — tinha atrasado a sua festa em honra da paz apenas para melhor fazer sua côrte a Napoleão, esforçando-se por eclipsar os bajuladores pelos quais tinha sido avisado. Os embaixadores de tôdas as potências amigas da França sob benefício de inventário, os personagens mais importantes do Império, alguns príncipes mesmo, estavam naquele momento reunidos nos salões do opulento senador. A dança enlanguescia, cada um esperava o imperador cuja presença fôra prometida pelo conde.

Napoleão teria mantido sua palavra, não fôsse a cena que estourou na mesma noite entre Josefina e êle, cena que revelou o próximo divórcio dos augustos esposos. A nova dessa aventura, mantida então muito em segredo, mas que a história estava recolhendo, não chegou aos ouvidos dos cortesãos, e não influiu por outro lado, senão pela ausência de Napoleão, na alegria da festa do conde de Gondreville. As mulheres mais bonitas de Paris, que acorreram à casa dêle, baseando-se no "ouvir dizer", rivalizavam-se em luxo, em vaidade, em exibição e em beleza. Orgulhosa de suas riquezas, a banca ali desafiava os cintilantes generais e os grandes oficiais do império novamente cumulados de cruces, de títulos e de condecorações.

Esses grandes bailes eram sempre as ocasiões escolhidas pelas famílias ricas para apresentarem seus herdeiros aos olhos dos pretorianos de Napoleão, na tôla esperança de trocar seus magníficos dotes por um favor incerto. As mulheres que se acreditavam bastante fortes, unicamente por sua beleza, vinham tentar o poder. Lá, como em qualquer outro lugar, o prazer não passava de uma máscara. Os rostos serenos e sorridentes, as frentes calmas, encobriam cálculos odiosos; os protestos de amizade mentiam, e não poucas pessoas desconfiavam menos de seus inimigos que de seus amigos.

Essas observações eram necessárias para explicar os acontecimentos da pequena confusão, objeto desta Cena, e a pintura, mesmo que amenizada, do tom que reinava então nos salões de Paris.

Embriaguez geral no império francês

mulheres com vestidos fáceis

precipitação no prazer

fascínio pelos militares

EP

paixão por tudo que brilhava

Festa de Napoleão

opulência de Malin

Bailes ocasião de negócios

Marçal (referendário / administrador) → assinou
um documento como responsável.
[RIVAN FELIX de Soulanges com a
HONORÉ DE BALZAC
Senhora de Vaudremont].

206

— Voltai um pouco os olhos para aquela coluna quebrada que sustenta um candelabro, notais uma jovem mulher penteada à chinesa? Lá no canto, à esquerda; tem campânulas azuis na massa de cabelos castanhos, que lhe cai em ondas pela cabeça. Não estais vendo? É tão pálida que acreditaríamos estar sofrendo muito; é miúda e pequenina; agora volta a cabeça para nós; seus olhos azuis, talhados em forma de amêndoa e doces na sedução, parecem feitos de propósito para chorar. Porém, cuidado agora! ela se abaixa para olhar para a senhora de Vaudremont, através desse dédalo de cabeças sempre em movimento, cujos penteados altos lhe interceptam a vista.

General Montcornet. — Ah! Eu sei, meu caro. Não tinhas senão que ma designar como a mais branca de tôdas as mulheres que estão aqui, eu a teria reconhecido, notei-a antes de ti; tem a mais bela tez que jamais admirei. Daqui, desafio-te a distinguir no seu colo as pérolas que separam cada uma das safiras do seu colar. Mas ela deve ter ou bons hábitos, ou muita vaidade, porque os fofos de sua blusa mal permitem suspeitar a beleza dos contornos. Que espáduas! Que brancura de lis!

— Quem é? — perguntou o que tinha falado primeiro. [MARÇAL]

Mont. — Ah! Não sei. [General Montcornet]

— Aristocrata! Quereis então, Montcornet, guardá-las tôdas para vós. [MARÇAL]

— Assenta-te bem, caçoar de mim! — replicou Montcornet sorrindo. — Crês ter o direito de insultar um pobre general como eu, só porque, rival feliz de Soulanges, não fazes uma única pirueta que não alarme a senhora de Vaudremont? Ou será porque não cheguei senão há um mês à terra prometida? Sois insolentes, vós, administradores que permanecéis colados em vossas cadeiras, enquanto nós ficamos no meio da artilharia! Vamos, senhor mestre das petições, deixai-nos rebuscar o campo cuja posse precária não vos chega, senão no momento em que nós o deixamos. Eh! diacho, é preciso que todo o mundo viva! Meu amigo, se conhecesses as alemãs, tu me ajudarias, acho, junto à parisiense que te é cara.

— General, desde que honrastes com a vossa atenção essa mulher, em que eu reparo aqui pela primeira vez, fareis então a caridade de me dizer se já a vistes dançando.

— Eh! meu caro Marçal, de onde vens tu? Se te envio em embaixada, não espero boa coisa de teu sucesso. Não vês três fileiras das mais intrépidas elegantes de Paris entre ela e o enxame de bailarinos que murmurinha sob o lustre — e não precisaste do

② Início: disputa entre Montcornet (Colonel) e Marçal (General) em torno do desconhecido.
(APOSTA)

HISTÓRIAS FASCINANTES

207

monóculo para descobri-la no ângulo daquela coluna — onde parece enterrada na obscuridade, apesar das velas que brilham acima de sua cabeça? Entre ela e nós, quantos diamantes e quantos olhares cintilam, quantas plumas adejam, quantas rendas, flôres e tranças ondulam, que seria um verdadeiro milagre se algum dançarino pudesse reparar nela no meio dêsses astros. Como, Marçal, não adivinhaste nela a mulher de algum subprefeito de Lippe ou da Dyle que vem tentar fazer do seu marido um prefeito?

— Oh! êle o será — disse vivamente o referendário. [Marçal]

— Duvido; — replicou o coronel de couraceiros, rindo — parece tão nova em intriga como tu o és em diplomacia. Aposto, Marçal, que não sabes como ela se encontra aí.

O referendário olhou para o coronel de couraceiros da Guarda, com um ar que exprimia tanto desdém como curiosidade.

— Pois bem, — disse Montcornet, continuando — ela terá chegado sem dúvida às nove horas precisamente, a primeira talvez, e provavelmente terá embaraçado muito a condessa de Gondreville, que não sabe ajuntar duas idéias. Rejeitada pela dona da casa, empurrada de cadeira em cadeira por cada nova convidada até as trevas daquele cantinho, ela se terá deixado encurrular, vítima do cume das senhoras, que não quiseram mais do que obscurecer assim uma perigosa figura. Não teria amigo para encorajá-la a defender o lugar que deveria ocupar inicialmente, no primeiro plano, pois cada uma dessas pérfidas dançarinas teria dado ordem aos homens de sua pequena côrte para não acolherem a nossa pobre amiga, sob pena das mais terríveis punições.

Eis aí, meu caro, como êsses rostos bonitos, tão ternos, tão cândidos na aparência, teriam formado sua coalisão contra a desconhecida; e isto sem que nenhuma dessas mulheres tenha dito outra coisa que: — "Conheceis minha cara, essa pequena dama de azul?" — Ouve, Marçal, se queres sucumbir, num quarto de hora, a olhares lisonjeiros e interrogações provocantes, mais do que receberás talvez em tôda a tua vida, tenta atravessar a tríplice muralha que defende o reino da Dyle, da Lippe ou da Charente. Verás se a mais estúpida dessas mulheres não saberá inventar depressa uma astúcia capaz de deter o homem mais determinado a trazer à luz a nossa chorosa desconhecida. Não achas que ela parece um pouco uma elegia?

— Acreditais nisso, Montcornet? Seria então uma mulher casada?

— Por que não seria viúva?

— Ela seria mais ativa — disse rindo o referendário.

Fala do general
(Colonel dos
vossos cavalos)
entre a
desconhecida.

Disputa
entre

Marçal
(administrador
que não vai
à guerra)

Referendário

General
Montcornet

Referendário
Montcornet
Fala do general
entre a
desconhecida

— Talvez seja uma viúva cujo marido joga cartas — replicou o belo couraceiro.

— Com efeito, depois da paz há tantos dêsses tipos de viúva! respondeu Marçal. — Mas, meu caro Montcornet, somos dois simplórios. Aquela cabeça exprime ainda muita ingenuidade, respira ainda muita juventude, muito verdor na fronte e em tórno das têmporas, para que seja mulher. Que tons vigorosos de carnção! nenhuma imperfeição em tórno do nariz. Os lábios, o queixo, tudo nesse rosto é fresco, tal como um botão de rosa branca, se bem que a fisionomia seja como que velada por nuvens de tristeza. Quem faria chorar esta jovem?

— As mulheres choram por tão pouca coisa... — disse o coronel.

— Não sei, não, — disse Marçal — mas ela não chora por estar sem dançar, seu desgosto não data de hoje; vê-se que se fez bela para esta noite, premeditadamente. Ela já ama, aposto.

— Bah! Talvez seja a filha de algum príncipezinho da Alemanha, ninguém lhe fala — disse Montcornet.

— Ah! quanto uma pobre môça é desgraçada — continuou Marçal. — Alguém tem mais graça e finura que a nossa pequena desconhecida? Pois bem, nenhuma das megeras que a cercam e que se dizem sensíveis, lhe dirige a palavra. Se ela falasse, veríamos se seus dentes são belos.

— Ah! essa! Tu te alteras então, tal como o leite, à menor elevação de temperatura? — exclamou o coronel um pouco picado de encontrar tão prontamente um rival em seu amigo.

— Como! — disse o referendário, sem se aperceber da interrogação do general e dirigindo seu monóculo sôbre tôdas as pessoas que os cercavam — como! ninguém aqui poderá nos dizer o nome dessa flor exótica?

— Ora! é alguma dama de companhia — disse-lhe Montcornet.

— Bom! uma dama de companhia enfeitada de safiras dignas de uma rainha e um vestido de rendas? Que fora, general! Não sois tão forte assim em diplomacia, se em vossas avaliações passais instantâneamente da princesa alemã à dama de companhia.

O general Montcornet deteve pelo braço um homenzinho gordo, cujos cabelos agrisalhados e olhos espirituais eram vistos em todos os ângulos de portas, e que se misturava sem cerimônia aos diferentes grupos onde era respeitosamente acolhido.

— Gondreville, meu caro amigo, — disse-lhe Montcornet — quem é aquela encantadora mulherzinha sentada lá embaixo sob o imênso candelabro?

— O candelabro? Ravrio, meu caro, foi Isabey que fêz o desenho.

— Oh! Já reconheci teu gôsto e teu luxo no mobiliário; mas a mulher?

— Ah! não a conheço. É sem dúvida uma amiga de minha mulher.

— Ou tua amante, velho hipócrita.

— Não, palavra de honra! a condessa de Gondreville é a única mulher capaz de convidar pessoas que ninguém conhece.

Apesar dessa observação cheia de azedume, o gordo homenzinho conservou nos lábios o sorriso de satisfação interior que a suposição do coronel dos couraceiros tinha feito nascer. Este último foi juntar-se, num grupo vizinho, ao referendário, ocupado então em procurar, mas sem resultado, informações sôbre a desconhecida. Tomou-o pelo braço e disse-lhe ao ouvido:

— Meu caro Marçal, toma cuidado! A senhora de Vaudremont te observa há alguns minutos com uma atenção desesperadora. Ela é mulher para adivinhar, só pelo movimento dos teus lábios, tudo o que me disesses; os nossos olhares têm sido significativos demais, ela já os percebeu muito bem e lhes seguiu a direção, e eu a creio neste momento mais ocupada que nós próprios, da pequena dama azul.

— Velha astúcia de guerra, meu caro Montcornet! Que me importa, de resto? Eu sou como o imperador, quando faço conquistas, conservo-as.

— Marçal, tua fatuidade procura lições. Mas como! tu, pai-sano, tens a felicidade de ser o marido designado da senhora de Vaudremont, de uma viúva de vinte e dois anos, atormentada por quatro mil napoleões de renda, de uma mulher que te passa ao dedo diamantes tão belos como este aqui, — ajuntou, tomando a mão esquerda do referendário que a abandonou complacentemente — e tens ainda a pretensão de fazer o Lovelace, como se fosses coronel, e obrigado a manter a reputação militar nas guarnições! Ora, vai! Mas reflete, assim mesmo, em tudo que podes perder.

— Minha liberdade pelo menos não perderei — replicou Marçal, rindo forçadamente.

SENADA que oferece o baile e esperava Napoleão.

Marçal pergunta-se pela causa da tristeza da mulher de azul

DOR DA DAMA

General Montcornet

Marçal

General Montcornet lembra Marçal por abandonar um casamento interessante

Lançou um olhar apaixonado à senhora de Vaudremont, que não lhe respondeu senão por um sorriso cheio de inquietação, porque tinha visto o coronel examinando a jóia do magistrado.

— Escuta, Marçal, — continuou o coronel — se abordas a minha jovem desconhecida, eu empreenderei a conquista da senhora de Vaudremont.

— Permito, caro couraceiro, mas não obtereis nada — disse o jovem referendário, metendo a unha polida de seu polegar sob um dos dentes superiores, do qual tirou um pequeno ruído trocista.

— Não te esqueças que sou solteiro, — replicou o coronel — que minha espada é toda a minha fortuna, e que me desafiar assim é sentar Tântalo diante de um festim que ele devorará.

— Prr! *condenado à fome e à sede no inferno.*

Esta zombadora acumulação de consoantes serviu de resposta à provocação do general, que o seu amigo mediu prazenteiramente antes de o deixar.

A moda daquele tempo obrigava um homem a usar, no baile, calças de casimira branca e meias de sêda. Esse bonito costume punha em relevo as perfeições das formas de Montcornet, que tinha trinta e cinco anos e que atraía os olhares por esse alto talhe exigido para os couraceiros da Guarda Imperial, e cujo belo uniforme realçava mais ainda a sua aparência, jovem ainda apesar da musculatura que ele devia à equitação. Os bigodes negros valorizavam a expressão franca do rosto verdadeiramente militar, de fronte larga e descoberta, o nariz aquilino e a boca vermelha. As maneiras de Montcornet, impregnadas de certa nobreza devida ao hábito do comando, podiam agradar a uma mulher que tivesse a boa inspiração de não querer fazer de seu marido um escravo.

O coronel sorriu, olhando o referendário, um de seus melhores amigos de colégio, e cujo pequeno talhe esbelto o obrigou, para responder ao motejo, a abaixar um pouco o seu olhar amigável.

O barão Marçal de la Roche-Hugon era um jovem provençal que Napoleão protegia e que parecia destinado a alguma faustosa embaixada; tinha seduzido o imperador por uma brandura italiana, pelo gênio de intriga, por essa eloquência de salão e essa ciência das maneiras que substituem tão facilmente as eminentes qualidades de um homem de fibra. Embora vivo e jovem, sua figura possui já o brilho estático da lata, uma das qualidades indispensáveis aos diplomatas e que lhes permite esconder suas emoções, es-

camotear seus sentimentos, se bem que esta impassibilidade não indique nêles a ausência de toda emoção e a morte dos sentimentos.

Pode-se considerar o coração dos diplomatas como um problema insolúvel, porque distinguimos os três mais ilustres embaixadores da época pela persistência da antipatia e pelas ligações românticas.

Não obstante, Marçal pertencia a esta classe de homens capazes de calcular o seu futuro no meio dos mais ardentes prazeres; julgara já o mundo e escondia sua ambição sob a fatuidade do aventureiro galante, dissimulando seu talento sob as librés da mediocridade, depois de ter notado a rapidez com a qual avançavam as pessoas que causavam pouca suspeita ao chefe.

Os dois amigos foram obrigados a se separar com um cordial apêto de mão. Os primeiros acordes que preveniam as damas para formarem as quadrilhas de uma nova contradança, varreram os homens do vasto espaço onde conversavam no meio do salão.

Aquela conversa rápida, mantida no intervalo que separara as contradanças, teve lugar diante da lareira do grande salão do palácio Gondreville. As perguntas e respostas desse tagarelar tão comum nos bailes, tinham sido como que sopradas por cada um dos interlocutores aos ouvidos do seu vizinho. Todavia, os lustres e as chamas da lareira espargiam uma tão abundante claridade sobre os dois amigos, que os semblantes, iluminados muito intensamente, não puderam dissimular, malgrado a discrição diplomática, a imperceptível expressão de seus sentimentos, nem a fina condessa, nem a cândida desconhecida. Tal espionagem do pensamento talvez seja um dos prazeres que os ociosos encontram na sociedade, a par de tantos simplórios logrados que aí se aborrecem, sem ousarem concordar com isso.

Para compreender todo o interesse da conversa, é necessário relatar um acontecimento que, por invisíveis liames, ia reunir os personagens deste pequeno drama, então esparsos pelo salão.

Cerca das onze horas da noite, no momento em que os dançarinos retomavam os lugares, a sociedade do palácio Gondreville vira surgir a mais bela mulher de Paris, a rainha da moda, a única que faltava àquela esplêndida assembléia. Ela seguia a lei de não chegar senão no momento em que os salões ofereciam esse movimento animado que não permite às mulheres conservarem por muito tempo a frescura dos rostos nem o arranjo das toaletes. Este

Processo: reunir os personagens dispersos no salão em uma única história.

localização da conversa de Marçal e Montcornet

LIAME

Narrador onisciente

Volta à cena para compreender o diálogo inicial

Ameaça do general

Descrição do General Montcornet (França)

Descrição de Marçal (jovem referendário)

(P214) M de witt

instante rápido é como a primavera de um baile. Uma hora depois, quando passou o prazer, quando a fadiga chega, tudo aí fica sem vida. A senhora de Vaudremont não cometia jamais a falta de permanecer numa festa para se mostrar com flôres murchas, cabelos despenteados, enfeites desarranjados, com um rosto semelhante ao de tódas aquelas que, solicitadas pelo sono, nem sempre o enganam. Ela se preservava muito bem de deixar ver, como as rivais, sua beleza sonolenta; sabia manter hábilmente uma reputação de coquetismo, retirando-se sempre de um baile, tão brilhante quanto tinha entrado. As mulheres se diziam ao ouvido, com um sentimento de inveja, que ela preparava e usava tantos enfeites quantos bailes tinha numa noite.

Por aquela vez, a senhora de Vaudremont não iria ter o privilégio de deixar a seu bel-prazer o salão onde então chegava triunfante. Parada um momento na soleira da porta, dirigiu olhares observadores, embora rápidos, às mulheres, cujas toaletes foram de pressa estudadas, a fim de se convencer de que a sua eclipsava a tódas. A célebre elegante se ofereceu à admiração da sociedade, conduzida por um dos mais corajosos oficiais de artilharia da Guarda, um favorito do imperador, o conde de Soulanges. A união momentânea e fortuita dos dois personagens teve sem dúvida alguma qualquer coisa de misterioso. Ao ouvir anunciar o senhor de Soulanges e a condessa de Vaudremont, algumas mulheres que estavam sem dançar (*) se levantaram, e homens vindos dos salões vizinhos se dirigiram às portas do salão principal. Um desses gaítos que nunca faltam a essas numerosas reuniões disse, ao ver entrar a condessa e seu cavalheiro, "que as damas tinham tanta curiosidade de contemplar um homem fiel à sua paixão, quanto os homens de examinar uma bonita mulher volúvel".

Embora o conde de Soulanges, môço de cerca de trinta e dois anos, fôsse dotado de temperamento nervoso, que engendra nos homens grandes qualidades, suas formas magras e a tez pálida falavam pouco em seu favor: os olhos negros revelavam muita vivacidade, mas em sociedade era taciturno e nada indicava nêle um dos talentos oratórios que deviam brilhar na direita, nas assembleias legislativas da Restauração. A condessa de Vaudremont, grande mulher ligeiramente gorda, com uma pele maravilhosa de brancura, que ostentava muito bem a pequena cabeça e possuía a

(*) O autor usa uma expressão correspondente ao nosso popular "fazer crochê", ficar no baile sem dançar. (N. do T.).

imensa vantagem de inspirar amor pela gentileza de suas maneiras, era dessas criaturas que confirmam tódas as promessas que faz sua beleza.

Aquêlê casal, por alguns instantes objeto da atenção geral, não deixou que se satisfizesse a curiosidade à custa dêles por muito tempo. O coronel e a condessa pareceram compreender perfeitamente que o acaso acabava de os colocar numa situação incômoda.

Ao vê-los avançarem, Marçal precipitou-se para um grupo de homens que ocupava o pôsto da lareira, para observar, através das cabeças que formavam como que uma muralha, a senhora de Vaudremont, com a atenção ciumenta que faz nascer o primeiro fogo da paixão: uma voz secreta parecia lhe dizer que o sucesso de que se orgulhava seria talvez precário; mas o sorriso de polidez fria com que a condessa agradeceu ao senhor de Soulanges, e o gesto que fêz para dispensá-lo, indo sentar-se junto da senhora de Gondreville, distenderam todos os músculos que o ciúme tinha contraído no seu rosto. Entretanto, percebendo, a dois passos do canapé em que estava a senhora de Vaudremont, Soulanges de pé, que parecia não mais compreender o olhar com que a jovem coquete lhe tinha dito que êles desempenhavam, um e outro, um papel ridículo, o provençal de cabeça vulcânica franziu de novo as negras sobrancelhas que lhe sombreavam os olhos azuis, acariciou, para se refrear, os anéis de seus cabelos castanhos, e sem trair a emoção que lhe fazia palpar o coração, vigiou as atitudes da condessa e as do senhor de Soulanges, enquanto ria com os seus vizinhos; apertou então a mão do coronel que vinha cumprimentá-lo, mas ouviu-o sem o entender, tão preocupado estava.

Soulanges lançava olhares tranqüilos sobre a quádrupla ordem de mulheres que cercava o imenso salão do senador, admirando a orla de diamantes, de rubis, de jóias de ouro e de cabeças enfeitadas, cujo brilho fazia quase empalidecer o fogo das velas, o cristal dos lustres e as douraduras.

A calma indiferença do seu rival fêz o referendário perder as estribeiras. Incapaz de dominar a secreta impaciência que o transtornava, Marçal dirigiu-se para a senhora de Vaudremont, para saudá-la. Quando o provençal apareceu, Soulanges lançou-lhe um olhar apagado e voltou a cabeça com impertinência. Um silêncio grave reinou no salão, onde a curiosidade atingiu o auge. Tódas as cabeças esticadas ofereceram as expressões mais bizarras, cada um temia e esperava uma dessas explosões que as pessoas bem-educadas se abstêm sempre de provocar. De repente, o pálido semblante

Marçal.
Cecília por ter visto a Srta de Vaudremont com o conde de Soulanges.

Antecipação do narrador

Marçal

o rouco: homem fiel à paixão.

Marçal
Soulange
Srta de Vaudremont.

Regra: deixar o baile antes de se tornar rotineira e prosaica.

Comprimeto de púmpia regra

senhora de Vaudremont

Descrição do conde de Soulanges

do conde tornou-se tão vermelho quanto o escarlate das suas vestes, e seu olhar se abaixou logo em direção ao assoalho, para não demonstrar qual era o objeto de sua perturbação. Ao ver a desconhecida humildemente assentada ao pé do candelabro, ele passou com uma expressão triste diante do referendário e se refugiou num salão de jôgo. Marçal e os outros acreditavam que Soulanges lhe cedia publicamente o lugar, pelo temor de um ridículo que se associa sempre aos amantes destronados. O referendário levantou altivamente a cabeça, olhou para a desconhecida; depois, quando se sentou com desenvoltura junto da senhora de Vaudremont, ouviu-a com ar tão distraído, que não entendeu estas palavras pronunciadas atrás do leque, pela coquete:

— Marçal, dar-me-íeis prazer se não usásseis esta noite o anel que me tirastes. Tenho minhas razões e as explicarei, num momento, quando nos retirarmos. Dai-me o braço para ir até a princesa de Wagram.

— Por que, então, aceitastes o braço do coronel? — perguntou o barão.

— Encontrei-o no peristilo; — respondeu ela — mas deixai-me, estão nos observando.

Marçal juntou-se ao coronel de couraceiros. A pequena dama azul tornou-se então o liame comum da inquietação que agitava, ao mesmo tempo e tão diversamente, o couraceiro, Soulanges, Marçal e a condessa de Vaudremont.

Quando os dois amigos se separaram, depois do desafio em que terminou sua conversa, o referendário dirigiu-se para a senhora de Vaudremont e soube colocá-la no centro da mais brilhante quadrilha. Por meio dessa espécie de embriaguês, na qual uma mulher fica sempre mergulhada pela dança e pelo movimento de um baile em que os homens se mostram com o charlatanismo da toalete que não lhes dá menos atrativos que às mulheres, Marçal acreditou poder se abandonar impunemente ao encanto que o atraía para a desconhecida. Se conseguiu furtar à inquieta atividade dos olhos da condessa os primeiros olhares que lançou à dama azul, foi bem depressa surpreendido em flagrante delito; e, se se fez desculpar uma primeira preocupação, não justificou o impertinente silêncio pelo qual respondeu mais tarde à mais sedutora interrogação que uma mulher pode dirigir a um homem: — "Não me amareis esta noite?" Quanto mais ele se punha sonhador, mais a condessa se mostrava insistente e tagarela.

Mudança de atitude de Soulanges, Sai de cena para refugiar-se no salão de jôgo

Interpretação de Marçal.

anel de Marçal, ganho de Sr de Wagram

PM - A pequena desconhecida e o liame que ligava os três personagens

Pergunta de Sr de Wagram a Marçal

- LIAME - Aquilo que prende os três em uma coisa o outro; ligação.

Novidade retomada do início.

Enquanto Marçal dançava, o coronel foi de grupo em grupo tomando informações sobre a jovem desconhecida. Depois de ter esgotado a complacência de todas as pessoas, e até a dos indiferentes, resolveu aproveitar um momento em que a condessa de Gondreville parecesse livre, para lhe perguntar, a ela mesma, o nome daquela dama misteriosa, quando percebeu um pequeno espaço livre entre a coluna quadrada que suportava o candelabro e os dois divãs que vinham terminar ali. O coronel aproveitou o momento em que a dança deixava livre uma grande parte das cadeiras que formavam diversas fileiras de fortificações defendidas por mães ou por mulheres de certa idade, e empreendeu atravessar essa paliçada coberta de xales e de lenços. Pôs-se a cumprimentar as viúvas; depois, de mulher em mulher, de polidez em polidez, acabou por atingir perto da desconhecida o lugar vazio. Com risco de se enganchar nos grifos e nas quimeras do imenso candelabro, manteve-se lá sob o fogo e a cêra das velas, para grande descontentamento de Marçal. Hâbil demais para interpelar bruscamente a damazinha azul que tinha à sua direita, o coronel começou por dizer a uma grande dama, muito feia, que estava sentada à sua esquerda:

— Eis aí, senhora, um bellissimo baile! Que luxo! Que movimento! Palavra de honra, as mulheres aqui são todas bonitas! Se não dançais, é sem dúvida por má vontade.

A insípida conversa iniciada pelo coronel tinha por fim fazer falar sua vizinha, da direita, que, silenciosa e preocupada, não lhe concedia a mais ligeira atenção. O oficial tinha de reserva uma multidão de frases que deviam terminar por um: "E a senhora?" do qual ele esperava muito. Mas ficou estranhamente surpreendido ao perceber lágrimas nos olhos da desconhecida, que a senhora de Vaudremont parecia subjugar completamente.

— Senhora, sem dúvida sois casada? — perguntou finalmente o coronel Montcornet com voz insegura.

— Sim, senhor. — respondeu a desconhecida.

— O senhor vosso marido está certamente aqui?

— Sim, está.

— E por que então, senhora, permaneceis neste lugar? Por vaidade?

A môça, aflita, sorriu tristemente.

— Concedei-me a honra, senhora, de ser o vosso cavalheiro, para a próxima contradança, e eu não vos reconduzirei para cá certamente! Vejo perto da lareira um sofá vazio, vamos! Quando tanta gente se preocupa em reinar, e a loucura do dia é a realza,

Coronel (ou vice)

Coronel. Condição com a pequena dama.

sofrimento

não concebo que vos recuseis a aceitar o título de rainha do baile que parece prometido à vossa beleza.

— Senhor, não dançarei.

A entonação breve das respostas daquela mulher era tão desesperadora, que o coronel se viu obrigado a abandonar o lugar. Marçal, que adivinhou a última pergunta do coronel e a recusa que recebia, pôs-se a sorrir, e acariciou o queixo, fazendo brilhar o anel que tinha no dedo.

— De que rides? — perguntou-lhe a condessa de Vaudremont.

— Do insucesso do pobre coronel, que acaba de cometer uma imprudência...

— Eu vos tinha pedido que tirásseis o anel — replicou a condessa, interrompendo-o.

— Não vos ouvi.

— Se não conseguis ouvir nada esta noite, sabeis ver tudo, senhor barão — respondeu a senhora de Vaudremont com ar melindrado.

— Eis ali um jovem que exhibe um belíssimo brilhante — disse então a desconhecida ao coronel.

— Magnífico — respondeu êle. — Aquêlê jovem é o barão Marçal de la Roche-Hugon, um de meus amigos mais íntimos.

— Agradeço-vos por terdes dito o seu nome; — respondeu ela — êle parece muito amável.

— Sim, mas um pouco leviano.

— Poder-se-ia crer que se dá bem com a condessa de Vaudremont — perguntou a jovem dama, interrogando com os olhos o coronel.

— Superlativamente bem!

A desconhecida empalideceu.

— "Ora, — pensou o militar — ela gosta dêsse diabo de Marçal."

— Pensava que a senhora de Vaudremont estivesse ligada há muito tempo com o senhor de Soulanges — continuou a jovem mulher, um pouco refeita do sofrimento interior que acabava de alterar o brilho de seu rosto.

— Há oito dias a condessa o engana — respondeu o coronel.

— Mas deveis ter visto o pobre Soulanges quando entrou, êle tenta ainda não acreditar na sua desgraça.

— Eu o vi — disse a dama azul. Depois acrescentou: — Senhor, eu vos agradeço — num tom de voz que equivalia a uma despedida.

Nesse momento, estando prestes a terminar a contradança, o coronel, desapontado, apenas teve tempo de se retirar, dizendo à maneira de consolação: — Ela é casada.

— Muito bem, corajoso couraceiro, — exclamou o barão, levando consigo o coronel a um canto atrás da janela, para respirar o ar puro dos jardins — em que ponto estais? (marçal)

— Ela é casada, meu caro.

— E o que tem isso?

— Ah! diacho, tenho bons costumes, — respondeu o coronel — não quero me dirigir senão a mulheres que possa desposar. Além disso, Marçal, ela manifestou formalmente a vontade de não dançar.

— Coronel, apostemos o vosso cavalo pampa acinzentado, contra cem napoleões, que ela dançará esta noite comigo.

— Quero ver! — disse o coronel, batendo na mão do presunçoso. — Enquanto espero, vou ver Soulanges, talvez conheça essa dama que me pareceu se interessar por êle.

— Meu bravo, perdestes — disse Marçal rindo. — Meus olhos se encontraram com os seus, e já compreendi tudo. Caro coronel, não quereis ver-me dançar com ela, depois da recusa que recebestes?

— Não, não, quem ri por último, ri melhor. Além disso, Marçal, sou admirável jogador e bom inimigo, previno-te que ela gosta dos diamantes.

Com isto, os dois amigos se separaram. O general Montcornet se dirigiu ao salão de jôgo, onde percebeu o conde Soulanges sentado a uma mesa para carteadado. Embora não existisse entre os dois coronéis senão essa amizade banal estabelecida pelos perigos da guerra e os deveres de serviço, o coronel de couraceiros ficou dolorosamente afetado ao ver o coronel de artilharia, que êle conhecia como homem sensato, empenhado numa partida que podia arruiná-lo. As moedas de ouro e as notas espalhadas sobre o fatal pano verde atestavam o furor do jôgo. Um círculo de homens silenciosos cercava os jogadores sentados. Algumas palavras ressoavam muitas vêzes, como: *Passo, jôgo, atenção, mil luises, sustento*; mas parecia, ao olhar-se as cinco pessoas imóveis, que não se falavam senão com os olhos. Quando o coronel, impressionado com a

APOSTA

APOSTA.

(ANEL DE DIAMANTE)

o coronel abandona o campo de batalha na noite que'stz de desmanche

Marçal e o srz de Vaudremont comentam a recusa do coronel

a desconhecida pergunta ao coronel sobre Marçal

equivoca

ANEL

ANEL

palidez de Soulanges, se aproximou, o conde ganhava. O marechal duque d'Isemberg, e Keller, banqueiro célebre, se levantavam, completamente desfalcados em somas consideráveis. Soulanges tornou-se ainda mais sombrio, recolhendo um monte de ouro e de notas; nem mesmo contou; um amargo desdém crispou-lhe os lábios, parecia ameaçar a sorte, em lugar de lhe agradecer os favores.

— Coragem, — disse-lhe o coronel — coragem, Soulanges! Depois, crendo prestar-lhe um verdadeiro serviço arrancando-o ao jôgo: — Vamos, — acrescentou — tenho uma boa notícia para vos dar, mas com uma condição.

— Qual? — perguntou Soulanges.

— Responder ao que vou perguntar-vos.

O conde de Soulanges levantou-se bruscamente, pôs o seu ganho, com um ar muito indiferente, em um lenço que tinha amarrado de maneira convulsiva, e seu rosto estava tão zangado, que nenhum jogador se preocupou em achar ruim que êle saísse à Carlos Magno. Os rostos pareceram mesmo se abrir, quando aquela cabeça desagradável e triste não estava mais no círculo luminoso que um candelabro de metal descrevia acima da mesa.

— Esses diabos de militares se entendem como ladrões na feira! — disse em voz baixa um diplomata da galeria, tomando o lugar do coronel.

Um único rosto, pálido e fatigado, se voltou para o que falava, e disse, lançando-lhe um olhar que brilhou mas se extinguiu como o faiscar de um diamante: — Quem diz militar não diz civil, senhor ministro.

— Meu caro, — disse Montcornet a Soulanges, atraindo-o a um canto — esta manhã o imperador falou de vós elogiosamente e vossa promoção ao marechalato não é mais duvidosa.

— O patrão não gosta da artilharia.

— Sim, mas adora a nobreza e vós sois um *ci-devant* (*). O patrão — continuou Montcornet — disse que aquêles que se casaram em Paris, durante a campanha, não deviam ser considerados como desfavorecidos. E então?

O conde de Soulanges pareceu não compreender nada dêsse discurso.

(*) Nome dado aos nobres na revolução. (N. do T.).

— Ah! sim! espero agora — continuou o coronel — que me digais se conheceis uma encantadora mulherzinha sentada ao pé de um candelabro. . .

A estas palavras, os olhos do conde se animaram, apertou com violência inaudita a mão do coronel:

— Meu caro general, — disse-lhe com voz sensivelmente alterada — se um outro qualquer me fizesse essa pergunta, eu lhe fenderia o crânio com esta barra. Agora deixai-me, eu vos suplico. Tenho mais vontade esta noite de me suicidar do que. . . Odeio tudo que vejo. Por isso, vou sair. Esta alegria, esta música, êsses rostos estúpidos que riem, me assassinam.

— Meu pobre amigo, — replicou com voz doce Montcornet, batendo amigavelmente na mão de Soulanges — estais apaixonado! Que diríeis então se vos contasse que Marçal pensa muito pouco na senhora de Vaudremont, que está caído pela pequena dama?

— Se êle lhe falar, — exclamou Soulanges, gaguejando de furor — eu o farei mais chato que a sua pasta, mesmo que êsse convencido seja o protegido do imperador.

E o conde caiu como que fulminado sôbre a conversadeira (*) para onde o coronel o tinha levado. Este último se retirou lentamente; percebera que Soulanges era prês de uma cólera por demais violenta para que as brincadeiras ou os cuidados de uma amizade superficial pudessem acalmá-lo. Quando o coronel Montcornet voltou para o salão de baile, a senhora de Vaudremont foi a primeira pessoa que se ofereceu ao seu olhar, e êle reparou no seu rosto, ordinariamente tão calmo, alguns traços de agitação mal disfarçada. Uma cadeira vaga estava junto dela, o coronel foi sentar-se ali.

— Suponho que estais muito atormentada! — disse êle.

— Bagatelas, general. Eu queria sair daqui, prometi estar no baile da grã-duquesa de Berg, e preciso ir antes à casa da princesa de Wagram. O senhor de la Roche-Hugon, quem sabe, se diverte em dizer galanteios às viúvas.

— Não é sômente isto o objeto da vossa inquietação, e aposto cem luíses como permaneceréis aqui esta noite.

— Impertinente!

(*) Poltrona com lugar para duas pessoas, uma de frente para a outra. (N. do T.).

o Coronel conversou com o conde de Soulange.

cólera de Soulange.
(desespero)

Coronel de Montcornet e Srta de Vaudremont

Soulange não chegou

— E então, disse a verdade?

— Pois bem! Em que estou pensando? — replicou a condessa, dando uma pancada com o leque nos dedos do coronel. — Sou capaz de vos recompensar, se o adivinhardes.

— Não aceitarei o desafio, levo vantagens demais.

— Presunçoso!

— Tendes medo de ver Marçal aos pés...

— De quem? — perguntou a condessa, afetando surpresa.

— Daquele candelabro — respondeu o coronel, mostrando a bela desconhecida e olhando para a condessa com uma atenção importante.

— Adivinhastes — respondeu a coquete, escondendo o rosto atrás do leque, com o qual se pôs a abanar-se. — A velha senhora de Lansac que, já sabeis, é maligna como um velho macaco, — tornou ela, depois de um momento de silêncio — acaba de me dizer que o senhor de la Roche-Hugon corria alguns perigos em cortejar a desconhecida, que se encontra esta noite aqui como uma estraga-festa. Eu preferia ver a morte, a ver esse semblante tão cruelmente belo e pálido como uma visão. É o meu mau gênio. A senhora de Lansac, — continuou ela depois de ter deixado escapar um gesto de despeito — que só vai aos bailes para espiar tudo, fingindo estar dormindo, inquietou-me cruelmente. Marçal pagará caro o que me faz. Entretanto, exortai-o, general, pois que é vosso amigo, a não me causar dano.

— Acabo de ver um homem que se propôs nada menos que lhe arrebentar os miolos, se se dirigir à pequena dama. Aquêlê homem, senhora, é de palavra. Mas eu conheço Marçal, esses perigos são outros tantos encorajamentos. Há mais ainda: nós apostamos... — aqui o coronel baixou a voz.

— Será verdade? — perguntou a condessa.

— Palavra de honra.

— Obrigada, general — respondeu a senhora de Vaudremont, lançando-lhe um olhar insinuante.

— Dar-me-á a honra de dançar comigo?

— Sim, mas a segunda contradança. Durante esta, quero saber no que pode dar essa intriga e saber quem é essa pequena dama azul; ela parece dotada de espírito.

O coronel, vendo que a senhora de Vaudremont queria estar só, afastou-se, satisfeito de ter começado tão bem o seu ataque.

Em tôdas as festas se encontram algumas damas, que, semelhantes à senhora de Lansac, lá estão como velhos marinheiros ocupados na praia a contemplar os marinheiros jovens em luta com as tempestades. Naquele momento, a senhora de Lansac, que parecia se interessar pelos personagens da cena, pôde facilmente adivinhar a luta à qual a condessa estava presa. Por mais que a jovem coquete se abanasse graciosamente, sorrisse aos jovens que a saudavam e pusesse em prática as astúcias de que se serve uma mulher para esconder sua emoção, a viúva, uma das mais perspicazes e maliciosas duquesas que o décimo oitavo século legara ao décimo nono, sabia ler no seu coração e no seu pensamento.

A velha dama parecia reconhecer os movimentos imperceptíveis que denunciam as afeições da alma. O mais ligeiro traço que viesse enrugar a fronte tão pura, o movimento mais insensível das maçãs do rosto, o jôgo das sobrancelhas, a inflexão menos visível dos lábios, cujo coral removível não podia lhe esconder nada, eram para a duquesa como os caracteres de um livro. Do fundo da poltrona, que o seu vestido enchia completamente, a coquete emérita, conversando com um diplomata que a procurava, a fim de recolher as anedotas que contava tão bem, admirava-se, ela própria, da coquete jovem; invejou-a, vendo-a dissimular tão bem sua mágoa e os dilaceramentos do seu coração.

A senhora de Vaudremont sentia com efeito tanta dor, que a disfarçava em alegria: acreditara encontrar em Marçal um homem de talento com o apoio do qual contava embelezar a sua vida com todos os encantamentos do poder; naquele momento, reconhecia um erro tão cruel para a sua reputação, quanto para seu amor-próprio. Nela, como em outras mulheres da época, a subitaneidade das paixões aumentava sua vivacidade. As almas que vivem muito e depressa, não sofrem menos que as que se consomem numa única afeição. A predileção da condessa por Marçal tinha nascido recentemente e era verdadeira; mas o mais inepto dos cirurgiões sabe que o sofrimento causado pela amputação de um membro vivo é mais doloroso que a de um membro doente.

Havia futuro na preferência da senhora de Vaudremont por Marçal, ao passo que sua paixão precedente era sem esperança e envenenada pelos remorsos de Soulanges. A velha duquesa, que espreitava o momento oportuno de falar à condessa, apressou-se a dispensar o seu embaixador; porque, em presença de amadas e de amantes desunidos, todo o interesse empalidecia, mesmo para uma mulher velha.

subitaneidade → subitaneidade (subito: repentino / inesperado) que ocorre sem ser previsto.

50 de
LANSAC

senhora de
Lansac:
capacidade de
avaliar.

senhora de
VAUDREMONT
dor do passado
de
Marçal.

ADONIA

Para provocar a luta, a senhora de Lansac lançou sobre a senhora de Vaudremont um olhar sardônico, que fez estremecer a jovem coquete, por ver sua sorte nas mãos da viúva. Era desses olhares de mulher para mulher, que são como círios preparados nos desfechos de uma tragédia. Era preciso ter conhecido a duquesa para apreciar o terror que o jôgo de sua fisionomia inspirava à condessa. A senhora de Lansac era grande, seus traços faziam dizer: — "Eis aí uma mulher que deve ter sido bonita!" Cobria as faces com tanta pintura que as rugas quase não apareciam; mas longe de receber um brilho artificial desse carmin carregado, seus olhos permaneciam frios. Trazia grande quantidade de diamantes, e se vestia com bastante gôsto para não se expor a ridículos. Seu nariz pontudo era o prenúncio de um epigrama. Uma dentadura bem feita conservava na sua bôca um rictus de ironia que lembrava o de Voltaire. Entretanto, a refinada polidez de suas maneiras suavizava tão bem o boleio malicioso de suas idéias, que não se podia acusá-la de malvada.

Os olhos cinzentos da velha dama se animaram, um olhar triunfante acompanhado de um sorriso que dizia: — "Bem que eu lhe tinha prometido!" atravessou o salão e estendeu o colorido da esperança nas faces pálidas da jovem mulher que gemia ao pé do candelabro. Essa aliança entre a senhora de Lansac e a desconhecida não podia escapar ao ôlho experiente da condessa de Vaudremont, que entreviu um mistério e quis desvendá-lo.

Nesse momento, o barão de la Roche-Hugon, depois de ter acabado de interrogar todas as viúvas, sem poder saber o nome da dama azul, dirigiu-se, em desespero de causa, à condessa de Gondreville, e não recebeu senão esta resposta pouco satisfatória: — É uma dama que a antiga duquesa de Lansac me apresentou.

Voltando-se por acaso para a poltrona ocupada pela velha dama, o referendário surpreendeu-lhe o olhar de inteligência dirigido à desconhecida, e embora não estivesse em bons termos com ela havia algum tempo, resolveu abordá-la. Ao ver o dinâmico barão rondando em tórno da sua poltrona, a idosa duquesa sorriu com sardônica malignidade, e olhou para a senhora de Vaudremont com um ar que fez rir o coronel Montcornet.

— "Se a velha boêmia toma ares de amizade, pensou o barão, ela vai sem dúvida me sair com qualquer malvadeza."

— Senhora, — disse-lhe — soube que está encarregada de velar por um tesouro muito precioso!

— Tomais-me por um dragão? — perguntou a velha dama. — Mas de quem falais? — ajuntou ela, com uma doçura de voz que trouxe esperança a Marçal.

— Dessa pequena dama desconhecida que o ciúme de tôdas essas coquetes confinou lá embaixo. Conheceis sem dúvida a sua família?

— Sim — disse a duquesa; — mas que quer fazer de uma herdeira provinciana, casada há algum tempo, uma môça bem-nascida que vocês daqui não conhecem? Ela não vai a parte alguma.

— Por que não dança? É tão bela! Quereis celebrar um tratado de paz? Se vos designardes instruir-me sobre tudo que tenho interesse de saber, juro que um pedido de restituição dos bosques de Navarreins pelo Domínio Extraordinário será calorosamente apoiado junto ao Imperador.

O ramo cadete (*) da casa de Navarreins esquartelado de Lansac que é de lazulita com emblema ornado de prata, com seis ferros de lança laterais, também colocados em palas, e a ligação da velha dama com Luís XV, tinham-lhe valido o título de duquesa com diploma; e como os Navarreins não tinham sido ainda empossados, o jovem referendário propunha muito cruamente uma velharia à velha dama, insinuando a demanda de um bem pertencente ao ramo descendente do filho mais velho.

— Senhor, — respondeu a velha dama, com uma gravidade enganadora — levai-me à condessa de Vaudremont. Prometo-vos revelar o mistério que torna a nossa desconhecida tão interessante. Vêde, todos os homens do baile chegaram ao mesmo grau de curiosidade que vós. Os olhos se viram involuntariamente para aquêle candelabro onde minha protegida está modestamente colocada, e onde recolhe tôdas as homenagens que se lhe tentam prestar. Bem feliz aquêle que ela tomasse por seu par! — Nisto interrompeu-se, fixando a condessa com um desses olhares que dizem tão bem: — "Falamos de vós". Depois acrescentou: — Penso que preferis saber o nome da desconhecida pela bôca da vossa bela condessa, a ouvi-lo da minha...

A atitude da duquesa era tão provocante que a senhora de Vaudremont se levantou, veio para junto dela, sentou-se sobre a cadeira que lhe ofereceu Marçal; e sem dar atenção a êle:

— Adivinho, senhora, — disse-lhe rindo — que falais de mim; mas confesso minha inferioridade, não sei se bem ou mal.

(*) Descendência do filho mais novo. (N. do T.).

Aliança entre a
Se de Lansac
e a desconhecida

marçal

fogo de
olhos
coronel de
Montcornet
(marçal)

Se de
Lansac

TRUÇA
PROPOSTA
POR MARÇAL
E SA de
LANSAC.

Se de
Vaudremont
e SA de
LANSAC.

A senhora de Lansac apertou com sua velha mão, sêca e enrugada, a bonita mão da jovem, e com um tom de compaixão, respondeu-lhe em voz baixa: — Pobre pequena!

As duas mulheres se entreolharam. A senhora de Vaudremont compreendeu que Marçal era demais e o dispensou, dizendo-lhe com ar imperioso: — Deixai-nos!

O referendário, pouco satisfeito de ver a condessa sob a magia da perigosa sibila que a tinha atraído, lançou-lhe um desses olhares de homem, poderosos sobre um coração cego, mas que parecem ridículos a uma mulher quando ela começa a julgar aquêle de quem está apaixonada.

— Teríeis a pretensão de imitar o imperador? — disse a senhora de Vaudremont, levantando a cabeça o mais alto possível, para contemplar o referendário, com ar irônico.

Marçal tinha traquejo demais em sociedade, muita finura e cálculo, para se arriscar a romper com uma mulher tão bem na côrte que o imperador a queria casar; contava, aliás, com o ciúme que se propunha despertar, como o melhor meio de adivinhar o segredo da sua frieza, e se distanciou tanto mais voluntariamente, quanto nesse instante uma nova contradição punha todo o mundo em movimento.

O barão pareceu ceder o lugar aos quadrilheiros, foi se apoiar no mármore de um consolo, cruzou os braços sobre o peito, e permaneceu muito ocupado com a conversa das duas damas. De vez em quando, seguia os olhares que as duas lançavam por diversas vèzes à desconhecida. Comparando então a condessa àquela beleza nova que o mistério tornava tão atraente, o barão prendeu-se a odiosos cálculos tão habituais nos homens bem sucedidos no amor: flutuava entre uma fortuna para agarrar, e seu capricho para contentar. O reflexo das luzes fazia bem ressaltar seu rosto inquieto e sombrio contra as tapeçarias brancas, ondeadas, em contraste com os seus cabelos negros, que se teria podido compará-lo a algum gênio mau. De longe, mais de um observador deveria dizer, sem dúvida: — "Eis mais um pobre diabo que parece se divertir muito!" O ombro direito ligeiramente apoiado na esquadria da porta que estava entre o salão de dança e o salão de jôgo, o coronel podia rir incôgnito sob seus amplos bigodes, desfrutava o prazer de contemplar o tumulto do baile; via cem bonitas cabeças volteando de acôrdo com os caprichos da dança; buscava em alguns rostos, como nos da condessa e de seu amigo Marçal, os segredos da sua agitação; depois, voltando a cabeça, perguntava-se que ligação existia

entre o ar sombrio do conde Soulanges, sempre sentado na conversadeira, e a fisionomia chorosa da dama desconhecida, em cujo rosto apareciam alternativamente as esperanças e as angústias, com um terror involuntário.

Montcornet estava lá como o rei da festa, encontrava naquele quadro móvel uma vista completa do mundo, e ria, recolhendo os sorrisos interessados de cem mulheres brilhantes e enfeitadas: um coronel da Guarda Imperial, pôsto que implicava o grau de general de brigada, era certamente um dos mais belos partidos do exército.

Era cerca de meia-noite. As conversas, o jôgo, a dança, a coquetaria, os interesses, as malícias e os projetos, tudo tinha chegado a êsse grau de calor que arranca a um môço esta exclamação: — "Belo baile!"

— Meu bom anjinho, — dizia a senhora de Lansac à condessa — estais numa idade em que eu já tinha cometido muitas faltas. Ao ver-vos sofrer a todo momento mil mortes, pensei de vos dar alguns avisos caridosos. Cometer faltas com vinte e dois anos, não é comprometer seu futuro, não é dilacerar o vestido que se deve vestir? Minha cara, aprendemos muito tarde a nos consagrarmos sem desgostar. Continuai, meu coração, a procurar inimigos severos e amigos sem espírito de conduta, vereis que linda vidinha levareis um dia.

— Ah! senhora, uma mulher tem que fazer muito esforço para ser feliz, não é? — exclamou ingênuamente a condessa.

— Minha pequena, é preciso saber escolher em vossa idade, entre os prazeres e a ventura. Quereis desposar Marçal, que não é nem bastante tolo para ser um bom marido, nem bastante apaixonado para ser amante. Ele tem dívidas, minha cara, é homem para devorar vossa fortuna; mas isso não seria nada se vos desse a felicidade. Não vêdes quanto é velho? Esse homem deve ter estado doente muitas vèzes, êle aproveita o que lhe resta. Em três anos será um homem acabado. O ambicioso começará, talvez triunfe. Eu não o creio capaz disso. Quem é êle? Um intrigante que pode possuir primorosamente o espírito dos negócios e conversar agradavelmente; mas é gabola demais para ter um verdadeiro mérito, não irá longe. De resto, olhai-o! Não lemos na sua fronte que neste momento não é uma jovem e linda mulher que êle vê em vós, mas os dois milhões que possuís? Ele não vos ama, cara minha, calcula-vos, como se se tratasse de um negócio. Se quereis casar, tomai um homem de mais idade, que tenha consideração e que esteja na metade do seu caminho. Uma viúva não deve fazer

Análise da
de Marçal.

Sra de
LANSAC e
Sra de
VAUDREMONT.

Análise de
Marçal
pela Sra de
LANSAC

de seu casamento um negócio de amarecos. Um rato cairá duas vezes na mesma armadilha? Agora um novo contrato deve ser uma especulação para vós, e é preciso, casando-vos outra vez, terdes ao menos a esperança de vos ouvir nomear um dia, senhora marechala.

Neste momento, os olhos das duas mulheres se fixaram naturalmente sobre a bela figura do coronel Montcornet.

— Se quereis desempenhar o difícil papel de uma coquete e não vos casardes, — continuou a duquesa com bonomia — ah! minha pobre pequena, sabereis melhor que qualquer outra acumular as nuvens de uma tempestade e dissipá-la. Mas, eu vos aconselho, não tenhais o gosto de perturbar a paz dos casamentos, de destruir a união das famílias e a felicidade das mulheres que são felizes. Eu desempenhei, minha cara, esse papel infeliz. Ah! Meu Deus, por um triunfo de amor-próprio, assassinam-se freqüentemente pobres criaturas virtuosas; pois existem verdadeiramente, minha cara, mulheres virtuosas, e criam-se execrações mortais. Um pouco tarde demais, aprendi que, segundo a expressão do duque de Alba, um salmão vale mais que mil rãs! Na verdade, um verdadeiro amor dá mil vezes mais êxtases que as paixões efêmeras que se excitam! Pois bem, eu vim aqui para vos fazer pregação. Sim, sois a causa de minha aparição neste salão que fede a povo. Não acabo de ver os atôres? Outrora, minha cara, eles eram recebidos na alcova; mas no salão, puf, quando!... Por que me olhais com ar tão espantado? Escutai-me! Se quereis vos divertir com os homens, — tornou a velha dama — não causeis desordens senão no coração daqueles cuja vida não se fixou, daqueles que não têm deveres a cumprir; os outros não nos perdoam as desordens que os tornaram felizes. Aproveitai desta máxima devida à minha velha experiência. Esse pobre Soulanges, por exemplo, ao qual virastes a cabeça, e que há quinze meses vindes embriagando, Deus sabe como! pois bem! sabeis sobre o que repercutem vossos golpes?... Sobre a sua vida inteira. Ele é casado há trinta meses, é adorado por uma encantadora criatura que ele ama e que engana; ele vive nas lágrimas e no silêncio mais amargo. Soulanges teve momentos de remorsos mais cruéis do que seus prazeres eram doces. E vós, pequena astuciosa, vós o traístes. Pois bem, vinde contemplar a vossa obra.

A velha duquesa tomou a mão da senhora de Vaudremont, e elas se levantaram.

— Atentai, — disse-lhe a senhora de Lansac, mostrando-lhe com os olhos a desconhecida pálida e tremante sob as luzes do lustre — eis minha pequena sobrinha, a condessa de Soulanges, ela cedeu

SE de LANSAC mostra a Condessa de Vaudremont o casal que ela separou: Soulanges e a dama de 22ul.

finalmente às minhas instâncias, consentiu em deixar o quarto de dor, onde a vista de seu filho não lhe traz senão fracas consolações; vós a vêdes? ela vos parece encantadora: muito bem, cara bela, julgai o que devia ser quando a felicidade e o amor estendiam sua luz sobre esse rosto agora fenecido.

A condessa voltou silenciosamente a cabeça e pareceu presa de graves reflexões. A duquesa levou-a até a porta da sala de jôgo; depois de aí ter lançado os olhos, como se quisesse procurar alguém:

— E eis ali Soulanges — disse ela à jovem coquete, com um som de voz profundo.

A condessa estremeceu, quando percebeu, no canto menos iluminado do salão, o rosto pálido e contraído de Soulanges, apoiado à conversadeira: a lassidão dos seus membros e a imobilidade de sua fronte lhe acusavam tôda a dor, os jogadores iam e vinham diante dêle, sem lhe despertarem mais atenção do que se estivesse morto. O quadro que apresentava a mulher em lágrimas e o marido abatido e sombrio, separados um do outro por outra mulher, como duas metades de uma árvore golpeada pelo raio, teve talvez alguma coisa de profético para a condessa. Teve medo, ao ver aí a imagem das vinganças que lhe reservava o futuro. Seu coração não estava ainda tão murcho para que a sensibilidade e a indulgência estivessem inteiramente banidas dêle; ela apertou a mão da duquesa, agradecendo-lhe com um desses sorrisos que têm certa graça infantil.

— Minha cara filha, — disse-lhe a velha ao ouvido — pensai de hoje em diante que nós sabemos tão bem repelir as homenagens dos homens, quanto atraí-las.

— É vossa, se não fordes um simplório.

Estas últimas palavras foram sopradas pela senhora de Lansac ao ouvido do coronel Montcornet, enquanto a bela condessa se entregava à compaixão que lhe inspirava o aspecto de Soulanges, porque ela o amava ainda bastante sinceramente, para desejar torná-lo feliz, e se prometia interiormente empregar o irresistível poder que exerciam ainda as suas seduções sobre êle, para devolvê-lo à sua mulher.

— Oh! se vou persuadi-lo — disse ela à senhora de Lansac.

— Não façais nada, minha cara! — exclamou a duquesa, alcançando novamente a sua poltrona — escolhei um bom marido e fechai vossa porta ao meu sobrinho. Não lhe ofereçais nem mesmo vossa amizade. Crêde-me, minha filha, uma mulher não recebe de outra mulher o coração de seu marido, ela será cem

SE de Vaudremont vê o marido e a mulher separados.

Velha de Lansac
defesa do
casamento de
Soulanges.

Revelação da
identidade da
mulher de
Soulanges.

vêzes mais feliz em acreditar que o reconquistou por si mesma. Trazendo aqui minha sobrinha, creio ter-lhe dado um excelente meio de reconquistar a afeição do marido. Não vos peço, como tôda cooperação, senão que encorajeis o general. (Marçal)

E, quando a duquesa mostrou o amigo do referendário, a condêssa sorriu.

— Então, senhora, sabeis enfim o nome dessa desconhecida? — perguntou o barão com ar melindrado, quando ela se encontrou só.

— Sim — disse a senhora de Vaudremont, olhando o referendário.

Seu rosto exprimia tanta finura quanta jovialidade. O sorriso que expandiu vida nos seus lábios e nas suas faces e a luz úmida dos seus olhos eram semelhantes a êsses fogos-fátuos que assombram o viajante. Marçal, que se acreditava sempre amado, tomou então esta atitude vaidosa com que um homem se embala tão complacentemente junto daquela que ama, e disse com presunção:

— E não me quereis mal se pareço dar alguma importância em saber êsse nome?

— E não me quereis mal, — replicou a senhora de Vaudremont — se por um resto de amor, não vo-lo disser, e se vos proíbo de fazer o menor gesto em direção a essa jovem dama? Arrisqueis vossa vida, talvez.

— Senhora, perder as vossas boas graças não é perder mais que a vida?

— Marçal, — disse severamente a condêssa — é a senhora de Soulanges. O marido vos arrebitaria os miolos, se vos atreveseis, apesar de tudo.

— Ah! Ah! — replicou o fátuo, rindo — o coronel deixará viver em paz aquêle que levou o vosso coração e se baterá por sua mulher? Que reviravolta de princípios! Eu vos suplico, permiti-me dançar com a dama. Podereis assim ter a prova do pouco amor que encerra para vós êsse coração de neve, pois se o coronel acha ruim que eu faça dançar sua mulher, depois de ter suportado que eu vos...

— Mas ela ama o marido.

— Obstáculo a mais que terei o prazer de vencer.

— Mas ela é casada.

— Que engraçada objeção!

— Ah! — disse a condêssa com um sorriso amargo — vós nos punis igualmente por nossas faltas e pelos nossos arrependimentos.

— Não vos magoeis — disse vivamente Marçal. — Oh! eu vos suplico, perdoai-me. Vamos, não penso mais na senhora de Soulanges.

— Merecéis bem que eu vos enviase para junto dela.

— Eu vou — disse o barão rindo — e voltarei mais apaixonado por vós do que nunca. Vereis que a mais linda mulher do mundo não pode se apoderar de um coração que vos pertence.

— Isso quer dizer que quereis ganhar o cavalo do coronel.

— Ah! o traidor — respondeu êle rindo e ameaçando com o dedo o seu amigo que sorria.

O coronel chegou, o barão lhe cedeu o lugar junto da condêssa, à qual disse com ar sardônico: — Senhora, eis aqui um homem que se vangloriou de poder ganhar vossas boas graças numa noite.

Êle se aplaudiu, ao se distanciar, por ter revoltado o amor-próprio da condêssa e prejudicado Montcornet; porém, malgrado sua finura habitual, não tinha adivinhado a ironia de que estavam impregnadas as palavras da senhora de Vaudremont, e não percebeu absolutamente que ela havia feito tantos passos para seu amigo, como seu amigo para ela, embora sem que um soubesse do outro.

No momento em que o referendário se aproximava borboleteando do candelabro, sob o qual a condêssa de Soulanges, pálida e temerosa, parecia não viver senão pelos olhos, seu marido chegou junto à porta do salão, mostrando os olhos faiscantes de paixão. A velha duquesa, atenta a tudo, lançou-se para o sobrinho; pediu-lhe o braço e sua carruagem para sair, pretextando um aborrecimento mortal e cuidando de evitar assim um desfecho desagradável. Ela fêz, antes de sair, um singular sinal de inteligência à sobrinha, designando-lhe o audacioso cavalheiro que se preparava para lhe falar, e êsse sinal parecia lhe dizer: — "Ei-lo aqui, vinga-te".

A senhora de Vaudremont surpreendeu o olhar da tia e da sobrinha, um raio súbito iluminou sua alma, ela temeu ser a vítima daquela velha dama tão sabida e tão astuciosa na intriga. — "Essa pérfida duquesa, disse ela consigo, terá talvez se divertido a me pregar moral e a me fazer ao mesmo tempo algum mal, à sua moda".

Marçal se aproxima da condessa de Soulanges

A velha duquesa leva o sobrinho (Soulanges) abaixo.

A êsse pensamento, o amor-próprio da senhora de Vaudremont ficou talvez mais fortemente interessado que a sua curiosidade, em desembaraçar o fio da meada. A preocupação interior à qual ficara presa não a deixou senhora de si mesma. O coronel, interpretando a seu favor a inquietação expandida nas frases e nas maneiras da condêssa, não se tornou senão mais ardente e mais apressado. Os velhos diplomatas decrépitos, que se divertiam a observar o jôgo das fisionomias, nunca tinham deparado com tantas intrigas a seguir ou a adivinhar. As paixões que agitavam o duplo casal se diversificavam a cada passo nos salões animados, representando-se com outras nuances em outros rostos. O espetáculo de tantas paixões vivas, tôdas aquelas querelas de amor, as vinganças brandas, os favores cruéis, os olhares ferosos, tôda aquela vida ardente desenrolada em tôrno dêles não lhes fazia senão sentir mais vivamente sua impotência.

Finalmente, o barão conseguira assentar-se perto da condêssa de Soulanges. Seus olhos erravam dissimuladamente sôbre um colo fresco quanto o orvalho, perfumado como uma flor dos campos. Ele admirava, de perto, belezas que de longe o tinham surpreendido. Podia ver um pêzinho bem calçado, medir com os olhos um talhe flexível e gracioso. Naquela época as mulheres colocavam a cintura de seus vestidos precisamente abaixo do seio, à imitação das estátuas gregas, moda impiedosa para as mulheres cujo busto tinha algum defeito. Lançando olhares furtivos àqueles seios, Marçal ficou maravilhado com a perfeição das formas da condêssa.

— Não dançastes uma única vez esta noite, senhora; — disse êle com voz doce e lisonjeira — não por falta de cavalheiro, imagino?

— Não freqüento a sociedade, sou desconhecida — respondeu com frieza a senhora de Soulanges, que não tinha compreendido nada do olhar com o qual sua tia acabava de a convidar a satisfazer ao barão.

Marçal entregou-se então ao jôgo de segurar o belo diamante que ornava sua mão esquerda; o brilho despreendido pela pedra pareceu acender uma luz súbita na alma da jovem condêssa, que enrubescceu e olhou para o barão com uma expressão indefinível.

— Gostais de dançar? — perguntou o provençal, para tentar reencetar a conversa.

— Oh! muito, senhor.

A esta estranha resposta seus olhos se encontraram. O rapaz, surpreendido com o acento penetrante que despertou em seu

coração uma vaga esperança, tinha súbitamente interrogado os olhos da jovem.

— Pois bem, senhora, não será uma temeridade de minha parte, propor-me para ser vosso parceiro na primeira contradança?

Uma confusão ingênua coloriu as faces brancas da condêssa.

— Mas, senhor, eu já recusei um par, um militar...

— Seria aquêlê grande coronel de cavalaria que vêdes lá embaixo?

— Precisamente.

— Eh! É meu amigo. Não temais. Concedei-me o favor que eu ousou esperar?

— Pois não, senhor.

Esta voz acusava uma emoção tão nova e tão profunda, que a alma corrompida do referendário foi abalada. Sentiu-se invadido por uma timidez de ginasião, perdeu a segurança, a cabeça meridional se congestionou, êle quis falar, suas expressões lhe pareceram sem graça, comparadas às réplicas vivas e prontas da senhora de Soulanges. Felizmente para êle, a contradança começou. De pé, junto à sua bela dançarina, achou-se mais desembaraçado. Para muitos homens a dança é um modo de ser; êles pensam, ao exhibir as graças do corpo, agir mais poderosamente do que pelo espírito, no coração das mulheres. O provençal queria sem dúvida empregar nesse momento todos os seus meios de sedução, a julgar pela pretensão de todos os seus movimentos e dos seus gestos. Tinha levado sua conquista à quadrilha, onde as mulheres mais brilhantes do salão emprestavam uma quimérica importância a essa dança, mais do que a qualquer outra.

Enquanto a orquestra executava o prelúdio da primeira figura, o barão experimentava uma incrível satisfação de orgulho, quando, passando em revista as damas que dançavam, colocadas nas linhas daquele quadrado temível, percebeu que a toaleta da senhora de Soulanges desafiava mesmo a da senhora de Vaudremont, que, por um acaso forçado talvez, fazia com o coronel o *vis-à-vis* do barão e da dama azul. Os olhares se fixaram um momento na senhora de Soulanges: um murmúrio lisonjeiro indicou que ela era o objeto da conversa de cada um para com a sua dama. As olhadelas de inveja e de admiração tão vivamente se cruzavam sôbre ela, que a jovem mulher, envergonhada por um triunfo ao qual parecia se recusar, baixou modestamente os olhos, corou e se tornou ainda mais encantadora. Se levantou novamente as brancas pálpebras, foi para olhar seu par extasiado, como se quisesse transferir para êle a gló-

Marçal:
Ganha o cavalo
e perde o casamento

ria daquelas homenagens e dizer-lhe que ela o preferia a todos os outros; pôs inocência na sua coqueteria, ou, antes, parecia se entregar à ingênua admiração pela qual começa o amor, com esta boa-fé que não se encontra senão nos corações jovens. Quando começou a dançar, os espectadores puderam facilmente confirmar que ela não desenvolvia essas graças senão para Marçal; e embora modesta e nova nos manejos dos salões, soube, tão bem como a mais sabida coquete, levantar propositadamente os olhos para êle, baixá-los com uma fingida modéstia.

Quando as leis novas de uma contradança inventada pelo dançarino Trénis, e à qual deu o seu nome, levaram Marçal para diante do coronel, disse-lhe, rindo: — Ganhei teu cavalo.

— Sim, mas perdeste oitenta mil libras de renda — replicou o coronel, mostrando a senhora de Vaudremont.

— E que me importa isso! — respondeu Marçal — a senhora de Soulanges vale milhões.

No fim da contradança, mais de um cochicho ressoava em mais de um ouvido. As mulheres menos bonitas pregavam moral aos seus pares, a propósito da nascente ligação de Marçal e da condessa de Soulanges. As mais belas se admiravam de tal facilidade. Os homens não concebiam a felicidade do pequeno referendário, no qual não encontravam nada de muito sedutor. Algumas mulheres indulgentes diziam que era preciso não ter pressa ao julgar a condessa: os moços seriam bem infelizes se um olhar expressivo ou alguns passos graciosamente executados bastassem para comprometer uma mulher. Só Marçal conhecia a extensão de sua felicidade. Na última figura, quando as damas da quadrilha tiveram que formar o movimento de rodopio, seus dedos apertaram então os da condessa, e êle acreditou sentir, através da pele fina e perfumada das luvas, que os dedos da jovem respondiam ao seu amoroso apêlo.

— Senhora, — disse-lhe, quando terminou a contradança — não voltareis para aquêlo odioso canto onde amortalhaste até agora o vosso rosto e a vossa toaleta. A admiração é o único lucro que podeis tirar dos diamantes que enfeitam o vosso colo tão branco e os vossos cabelos tão bem trançados? Vinde dar uma volta pelos salões, para desfrutar da festa e de vós mesma.

A senhora de Soulanges seguiu seu sedutor, o qual pensava que ela lhe pertenceria mais seguramente se pudesse exhibi-la. Os dois deram então algumas voltas, através dos grupos que atravancavam os salões do palácio. A condessa de Soulanges, inquieta, parava um

instante antes de entrar em cada salão, e não penetrava ali, senão depois de ter estendido o pescoço para atirar um olhar a todos os homens. Este mêdo, que enchia de alegria o pequeno referendário, não parecia se acalmar, senão quando êle dizia à sua trêmula companheira: — Tranqüilizai-vos, êle não está. Chegaram assim a uma imensa galeria de quadros, situada em uma ala do palácio, e onde se desfrutava, por antecipação, do magnífico aspecto de um banquete preparado para trezentas pessoas. Como o repasto ia começar, Marçal conduziu a condessa para um aposento oval, que dava para os jardins, e onde as mais raras flôres e alguns arbustos formavam um pequeno bosque perfumado sob brilhantes cortinados azuis. O murmúrio da festa morria ali. A condessa estremeceu ao entrar, e se recusou obstinadamente a seguir o jovem; mas depois de ter lançado o olhar a um espelho, viu, sem dúvida, testemunhas, porque foi se assentar com muito boa vontade sôbre uma otomana.

— Esta peça é deliciosa — disse ela, admirando um estôfo azul-celeste, enfeitado com pérolas.

— Tudo aqui é amor e volúpia — disse o rapaz, fortemente emocionado.

Favorecido pela misteriosa claridade que reinava, êle olhou para a condessa e surpreendeu no seu rosto docemente excitado, uma expressão perturbada, de pudor, de desejo, que o encantou. A jovem sorriu, e esse sorriso pareceu pôr fim à luta de sentimentos que se digladiavam no seu coração; tomou então de modo extremamente sedutor a mão esquerda do seu adorador e tirou-lhe do dedo o anel sôbre o qual seus olhos se haviam detido.

Anel de diamantes

— O belo diamante! — exclamou ela, com a ingênua expressão de uma mocinha que deixa ver os estímulos de uma primeira tentação.

Marçal, emocionado com a carícia involuntária mas embriagadora que a condessa lhe tinha feito, ao tirar o brilhante, fixou nela olhos tão faiscantes quanto o anel.

— Levai-o — disse-lhe — em lembrança desta hora celeste e pelo amor de...

Ela o contemplava com tanto êxtase, que êle não terminou e lhe beijou a mão.

— Vós mo dais? — disse ela com um ar de espanto.

— Eu gostaria de vos oferecer o mundo inteiro.

— Não gracejais? — tornou ela com voz alterada por uma satisfação muito viva.

- Não aceitais senão o meu diamante?
 — Não mo tomareis nunca? — perguntou ela.
 — Nunca.

Ela pôs o anel no dedo. Marçal, contando com uma próxima felicidade, fez um gesto para passar a mão pela cintura da condessa, que se levantou de repente e disse com voz clara, sem nenhuma emoção:

— Senhor, eu aceito êste diamante sem o menor escrúpulo, pois que êle me pertence.

O referendário ficou inteiramente perplexo.

— O senhor de Soulanges o tirou recentemente da minha penitenteira e me disse tê-lo perdido.

— Incorreis em êrro, senhora; — disse Marçal com ar melindrado — eu o obtive da senhora de Vaudremont.

— Precisamente — replicou ela sorrindo. — Meu marido me tomou emprestado êste anel, deu-o a ela, ela vos fez presente dêle, meu anel tem viajado, eis tudo. Êste anel me dirá talvez tudo que ignoro, e me ensinará o segredo de agradar sempre. Senhor, — continuou ela — não tivesse sido meu, está certo que não teria me aventurado a pagá-lo tão caro, porque uma jovem mulher está em perigo, dizem, junto de vós. Mas olhai, — acrescentou ela fazendo saltar uma mola oculta sob a pedra — os cabelos do senhor de Soulanges estão aqui ainda.

Ela se precipitou para os salões com tal presteza que parecia inútil tentar alcançá-la; e, de resto, Marçal, confundido, não encontrou humor para tentar a aventura. O riso da senhora de Soulanges tinha encontrado um eco no aposento onde o jovem presunçoso percebeu entre dois arbustos o coronel e a senhora de Vaudremont, que riam a bom rir.

— Queres meu cavalo para correr atrás da tua conquista? — disse-lhe o coronel.

A complacência com que o barão suportou os motejos pelos quais o atormentaram a senhora de Vaudremont e Montcornet, lhe valeu a discrição dêles sôbre essa noite, em que seu amigo trocou o cavalo de batalha por uma jovem, rica e linda mulher.

Quando a condessa de Soulanges franqueava a distância que se para a Chaussée-d'Antin do bairro de Saint-Germain, onde morava, sua alma ficou tomada das mais vivas inquietações. Antes de deixar o palácio de Gondreville, havia percorrido os salões sem encontrar nem sua tia, nem seu marido, que tinham saído sem ela.

Horríveis pressentimentos vieram então atormentar sua alma ingênua. Testemunha discreta dos sofrimentos experimentados por seu marido desde o dia em que a senhora de Vaudremont o tinha escravizado, ela esperava com confiança que um próximo arrependimento lhe devolvesse o espôso. E fora com incrível repugnância que tinha consentido no plano engendrado por sua tia, senhora de Lansac, e, nesse momento, temia ter cometido uma falta. Aquela noite havia contristado sua alma cândida. Impressionada com o ar sofredor e sombrio do conde de Soulanges, ela o ficou mais ainda pela beleza de sua rival; também a corrupção da sociedade lhe havia magoado o coração.

Ao passar por sôbre a Pont-Royal, ela atirou fora os cabelos profanados que se encontravam sob o diamante, oferecidos outrora como o penhor de um amor puro. Chorou ao lembrar-se dos profundos sofrimentos nas garras dos quais se achava havia muito, e estremeceu mais de uma vez pensando que o dever das mulheres que querem obter a paz no casamento as obrigava a enterrar no fundo do coração, e sem se queixar, angústias tão cruéis quanto as suas. — "Oh! meu Deus! — disse ela para si mesma — como fazem as mulheres que não amam? Onde está a fonte da sua indulgência? Eu não poderia crer, como disse minha tia, que a razão é suficiente para suportar tais devotamentos". Suspirava ainda quando o seu laçao desceu o elegante escabelo de onde ela se lançou para o vestibulo da sua mansão. Subiu a escada com precipitação, e quando chegou ao quarto, estremeceu de terror, vendo seu marido sentado junto à lareira.

— Desde quando, minha cara, ides ao baile sem mim, sem me prevenir? — perguntou êle com voz alterada. — Sabei que uma mulher está sempre fora do lugar sem seu marido. Estáveis singularmente comprometida no canto obscuro onde vos alinhastes.

— Oh! meu bom Leão, — disse ela com voz acariciante — não pude resistir à felicidade de te ver sem que tu me visses. Minha tia me levou a êsse baile e fui muito feliz!

O tom carinhoso destas palavras desarmaram os olhares do conde de sua severidade fictícia, porque êle acabava de fazer vivas reprovações a si mesmo, receando a volta de sua mulher, sem dúvida informada no baile de uma infidelidade que êle esperava ter-lhe escondido, e, conforme o costume dos amantes que se sentem culpados, tentava, brigando com a condessa primeiro, evitar sua cólera muito justa. Olhou silenciosamente para a mulher, que nos seus brilhantes adornos lhe pareceu mais linda que nunca. Feliz por ver seu marido sorrindo, e de o encontrar àquela hora num

A condessa de Soulanges revela-se a Marçal.

Ego de Soulanges

Amoroso de sua de Lansac

quarto, onde, havia algum tempo, êle vinha menos freqüentemente, a condessa olhou-o com tanta ternura que êle corou e baixou os olhos. Essa clemência extasiou Soulanges, tanto mais quanto esta cena sucedia os tormentos que êle tinha sofrido durante o baile; agarrou a mão da mulher e a beijou com reconhecimento: não se encontra freqüentemente gratidão no amor?

— Hortênsia, que tens tu no dedo, que me machucou os lábios? — perguntou a sorrir.

— É o meu diamante, que tu dizias perdido e que reencontrei.

O general Montcornet não desposou absolutamente a senhora de Vaudremont, malgrado o entendimento com que os dois viveram durante alguns instantes, porque ela foi uma das vítimas do espantoso incêndio que tornou célebre para sempre o baile dado pelo embaixador da Austria, por ocasião do casamento do imperador Napoleão com a filha do imperador Francisco II.

Julho de 1829

Edipe
COMPÓS E IMPRIMIU